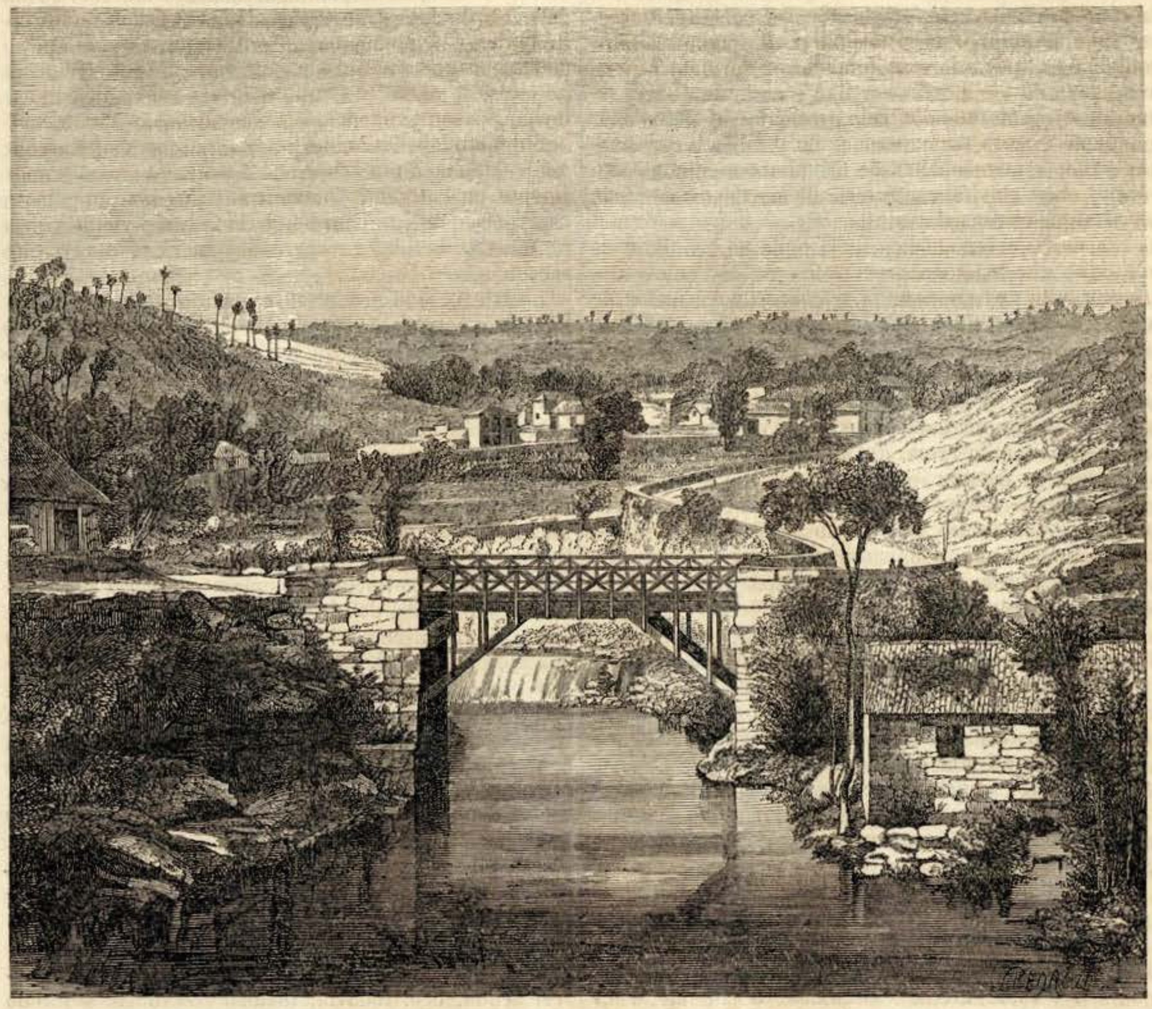


Ponte de Ruy Mendes, em Pedornello

A gravura que publicâmos é cópia de uma das photographias da bella e copiosa collecção do sr. Seabra.

Representa uma vista pittoresca das margens do rio Mendes, ou Ruy Mendes, confluente do Tamega.

Não póde competir esta perspectiva em bellezas naturaes com tantas outras que nos offerece a provincia do Minho, em que as pompas de uma vegetação, que ás vezes parece tropical, fazem o mais lindo ornamento das paizagens. Faltam-lhe os prados amenos cortados de arroios, onde as searas se matizam de mimosas flores de variegadas côres. Não se occultam os montes sob a ramagem compacta de frondoso arvoredo. Não tem arvores colossaes, d'estas que toldam os rios, e em que se abrigam numerosos bandos de aves para cantar á sombra, entre as frescuras da folhagem, as alegrias da creação.

A paizagem alli é menos risonha e mais agreste; mas nem por isso são os quadros despidos de encantos.

A aldeia de Pedornello, sentada em uma collina e meio escondida entre o arvoredo; os montes, que por todos os lados a cerçam e dominam, povoados mais ou menos de pinheiros, castanheiros e carvalhos; o rio, correndo apertado por margens pedregosas, mas retratando em suas purissimas aguas os arbustos e outras plantas que pendem das fendas das rochas até vir brincar com a corrente fugitiva; aquella ponte de madeira, quasi rustica, dando passagem á estrada que vae torneando em zig-zagues uma collina escalvada; e, finalmente, a pobre azenha que se espelha no rio junto da ponte e toda encaixilhada na ramagem dos vimes e dos choupos, constituem um painel variado, pittoresco, e, póde dizer-se, gracioso.

Proximo da aldeia de Pedornello está edificada, á beira do rio, a fabrica de lanificios de que fallámos em outro logar, por occasião de publicarmos em gravura outra vista das margens do Ruy Mendes, em que figuram os edificios da dita fabrica [1].

I. de Vilhena Barbosa.

RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES

(Vid. pag. 201)

VIII

Era então embaixador de Portugal em Londres o marquez de Palmella. Continuára a manter relações com o governo do infante, durante o pouco tempo em que elle se conservou como logar-tenente de seu irmão. Promulgado o decreto de 3 de maio de 1828, pelo qual o infante, ferindo pela raiz a carta constitucional, convocava os antigos tres estados do reino,

[1] Vid. pag. 129.

caídos em desuso por uma longa serie de reinados, negára o marquez de Palmella obediencia a quem havia já por manifesto infractor das leis fundamentaes. Seguira-se depois o levantamento do Porto e a breve campanha, em que as armas constitucionaes, cedendo ao numero de seus contrarios, haviam desamparado o campo ao novo dominador de Portugal. O protesto lavrado em Londres a 24 de maio de 1828 pelo marquez de Rezende e pelo visconde de Itabayana, plenipotenciarios do imperador na Austria e na Gran-Bretanha, servira apenas de firmar theoricamente um direito, cuja reivindicação teria de ser depois confiada ás armas gloriosas da rainha.

Era então a Inglaterra o paiz onde se acolhiam as reliquias dispersas do gremio liberal, as quaes iam esperar alli melhor fortuna e concertar os meios de volver á patria, já impossivel de tornar a ver, sem que lhe abrisse as portas a conquista.

Esforçavam-se os liberaes por organisar n'aquelle berço das liberdades européas a cruzada que deveria no anno seguinte encetar as suas victorias nos rochedos da Villa da Praia. Era incançavel o marquez de Palmella em frustrar, quanto pendia de seus meios, os ephemeros triumphos do absolutismo, já interessando, por sua valia, o governo inglez na causa liberal, já promovendo e apparelhando recursos com que podesse tentar-se alguma empreza contra o governo intruso de Portugal.

Chegado a Londres, foi logo Rodrigo da Fonseca offerecer-se ao marquez de Palmella. Conhecia o diplomata portuguez a capacidade do seu compatriota, e, esperando auxilio de seus conselhos, o empregou na secretaria da embaixada. Desde então principiou Rodrigo a manifestar quanto podia fiar d'elle a causa constitucional, e quão efficaz e zelosa cooperação promettia aquelle fecundo engenho á que então se afigurava antes utopia do que esperança de restaurar o legitimo governo portuguez.

Lidava por aquelles tempos incançavel a imprensa por defender em Londres os direitos constitucionaes, e por illustrar a Europa ácerca da verdadeira situação de Portugal. Cruzavam-se frequentes os papeis politicos, defendendo uns a legitimidade do infante, confutando outros as razões, com que se negavam os direitos da rainha, e se chamava impiedade á carta, á liberdade rebellião. Além dos folhetos que saíam avulso, existia em Londres imprensa politica, onde em portuguez se propugnava fervorosamente pela causa constitucional. Não eram o engenho e experiencia de Rodrigo para serem dispensados de acudir com o remedio que então havia, aos males em que estava a patria agonisando. Commetteu-se-lhe a redacção dos periodicos chamados *Aurora* e *Paquete de Portugal*, e n'elles contribuiu o eminente publicista para aplanar, quanto podia, os caminhos da restauração constitucional.

Por Londres se deteve Rodrigo da Fonseca todo o tempo que mediou desde a chegada dos emigrados até que o imperador chegou á Europa, disposto a triumphar na maior empreza d'este seculo, ou a enterrar-se n'ella, como esforçado e generoso campeão.

N'este intervallo podéra a carta achar na ilha Terceira um recanto, uma penedia, aonde abrigar-se. Do 5.º batalhão de caçadores (a cuja memoria devêra erigir-se padrão n'aquella gloriosa cidadella da civilisação) se formou o casco do futuro exercito constitucional. Na Terceira se pelejou a primeira batalha contra inimigo tão poderoso que, se a religião da liberdade não tivera tambem os seus milagres, ainda hoje estaria por se remir a patria de sua opprobriosa servidão.

Chegado á Europa o imperador, obtidos alguns meios com que podesse estender-se e firmar-se a conquista liberal em todo o archipelago dos Açores, bem quizera Rodrigo ser dos primeiros que marchassem a engrossar as fileiras dos soldados briosos na Terceira. Se nos Açores, porém, se pelejava e alli ardiam os moços e aventureiros por cruzar seus ferros com o inimigo, tambem havia logar honroso em serviço da patria e da liberdade para os que ficassem na Gran-Bretanha, entendendo em alcançar recursos com que se podesse a guerra continuar. Ficou, pois, Rodrigo em Londres, e alli foi de valioso preço a sua energia em dirigir, a sua prudencia em aconselhar.

Submettidas á obediencia da rainha as ilhas dos Açores, voltavam-se os olhos dos liberaes para o continente de Portugal. Estavam alli as suas saudades e esperanças; alli tinham berço de grandes victorias, ou tumulo de heroico arrojo e ara gloriosa de cruento sacrificio.

Estava o reino peado entre grilhões. Não havia resfolegar d'aquella oppressão. O despotismo estendia o seu nivel sinistro sobre todas as cabeças, e as que ousavam altear-se caíam decepadas. A imprensa não era uma liberdade, antes um crime; a opinião uma heresia. As torres e os carceres aferrolhavam milhares de victimas. As alçadas substituiam as livres discussões dos governos livres e racionaes. O exercito era numeroso. As povoações eram chamadas dos seus lavores agricolas para formarem batalhões de segunda linha. O pulpito, profanado em cathedra politica, troava maldições contra os liberaes. As classes privilegiadas cerravam-se, para a defesa dos seus interesses, ligadas á sorte da velha monarchia; o povo rude confundia, em sua simpleza, o liberalismo com a impiedade. A delação não poupava a innocencia. O proprio silencio ou retiro não era bastante precaução, porque o retiro era conjuração, o silencio mysterio. Fervia o reino em apercebimentos militares. Fortificavam-se os pontos importantes. Ouriçava-se de canhões o litoral. Contra quem eram estes aprestos e estas prevenções? Contra um troço de homens que, lá ao longe, na Terceira, haviam jurado plantar nas terras de Portugal o estandarte azul e branco, ou perecer gloriosamente, sellando com o seu sangue o santo martyrio da liberdade!

Eram sete mil e quinhentos (diz a que já hoje parece lenda, e é, todavia, historia) os soldados que da Terceira desaferraram em demanda de Portugal. Eram mais de sessenta mil os que os estavam esperando com a vantagem da terra e do repoiso. Irmãos eram todos. Parecia guerra civil aquella, por ser ferida entre os que do mesmo berço provinham, e fallavam a mesma linguagem natal. Mas era mais do que isto, porque era o combate entre a idéa antiga e a idéa nova. E se ha justificação para discordias civis tão feras e cruentas, como estas foram, é que tamanho holocausto e tanto sangue portuguez se requeria para remir a patria e resgatar o seu espirito com o baptismo da moderna civilisação.

Desembarcaram a 8 de julho as tropas do imperador. Caíram improvisamente no solo portuguez, como cae um meteoro, deixando attonitos e exanimes os mais audazes. Entram no Porto. Principiam agora trabalhos tão espantosos e glorias tão inesperadas, que fazem esquecer as sabidas gentilezas dos cêrcos de Diu. Era o Porto o logar do perigo e o germen da victoria. Perdido o Porto, perdia-se com elle a esperança de restituir o reino á liberdade.

Os liberaes que não haviam podido acompanhar D. Pedro na sua aventurosa expedição, vinham agora, volvendo de seus exilios, reunir-se com elle na cidade invicta sob o pendão constitucional. Foi um dos primeiros Rodrigo da Fonseca.

Estavam no governo homens seus amigos e companheiros de já passadas emprezas e lances patrioticos. Corria a administração por conta de tão eminentes cidadãos, quaes eram Mousinho da Silveira e Silva Carvalho. Eram dois os empenhos dos bravos defen-

sores da cidade libertadora. Acudir ás muralhas a enfrear o impeto dos cercadores; velar nos gabinetes, ao estrondo das bombas, concertando o que cumpria desde logo ao bom regimento civil e politico do reino, com os famosos decretos da primeira dictadura.

Urgia organisar as secretarias de estado. Chamou o governo a Rodrigo da Fonseca para que desempenhasse este serviço, em que se houve com sua já provada capacidade para os negocios.

Ia proseguindo o cêrco da cidade. Crescia com as difficuldades o esforço, com o esforço a esperança do proximo triumpho. Não era, porém, empreza facil o vencer inimigos obstinados e poderosos. Tinha o infante uma esquadra bem apercebida, e que muito o ajudava a empecer o progresso ás armas constitucionaes. Cumpria aos liberaes apparelhar tambem sua frota com que provassem no mar a fortuna de suas armas, já tantas vezes em terra honradas com a victoria.

Era a Gran-Bretanha o arsenal d'onde melhor podiam esperar os apercebimentos navaes. Não descurava a commissão de Londres o difficil encargo de alcançar aprestos. Julgou, porém, o governo que era urgente enviar a Londres Rodrigo da Fonseca para que désse pressa á expedição que, sob a capitania do almirante Napier, devia brevemente desbaratar a armada realista. Houve-se Rodrigo da Fonseca n'esta nova commissão com seu costumado siso e bom conselho.

IX

Occupada a capital pela brilhante e temeraria expedição do duque da Terceira, estabelecido em Lisboa o governo da rainha, não ficou ocioso nem desaproveitado o talento eminente de Rodrigo da Fonseca. Era então membro do gabinete José da Silva Carvalho, que apreciava desde muitos annos o merito de Rodrigo. Nomeou-o director geral da secretaria da justiça, a que presidia então o sagaz ministro do imperador.

Por estes tempos foi Rodrigo da Fonseca despachado director da imprensa nacional, cargo que sempre antes d'elle e muitos annos depois se conferiu, com raras excepções, a homens de letras, respeitados por seus escriptos e talentos.

Terminada a guerra da restauração constitucional, era tempo de entrar nas condições regulares do systema representativo, que mal fôra experimentado entre sobresaltos e commoções em 1827. Quiz o imperador, regente em nome da rainha, depor no seio do parlamento a dictadura que tomára em tão difficeis conjuncturas, e cujos fructos perduraveis eram já a liberdade e a primeira reconstrucção da sociedade portugueza. Convocaram-se cortes. Procedeu-se á eleição.

Tinha Rodrigo da Fonseca muitos e bons amigos, que lhe auspiciavam brilhantissimo futuro, se no trato dos negocios publicos quizesse revelar, á luz da tribuna, os seus preciosos quilates de estadista e orador. Esforçaram-se por apresental-o ao suffragio popular. Correu o escrutinio. Saiu Rodrigo eleito deputado pelo provincia do Minho (eram então as eleições por provincia e não por circulos, como hoje se pratica). Passava já Rodrigo dos quarenta e cinco annos, edade em que seu entendimento estava ornado de copiosa erudição, amadurecido seu conselho, o thesoiro da sua experiencia accrescentado. Na eschola do mundo, em um e outro hemispherio, tivera por mestra a adversidade, excellente e persuasiva doutrinadora. Víra e tratára gentes de várias condições. Aprendêra a conhecer as paixões, que ora congregam, ora dividem os homens, ao sabor de seus interesses e vaidades. Trazia dos seus desterros trabalhos e perseguições, entranhado no coração o affecto da liberdade, a aversão da tyrannia. Soubera por seus proprios olhos quanto havia custado aquella seara politica, cujo operario ia ser na quadra nova que então principiava. Contemplára quantos transtornos padecêra a idéa liberal em outros povos com os desmandos demagogicos. Era sinceramente constitucional, adverso, porém, á anarchia. Estimava o progresso politico, mas fiava do tempo os seus triumphos. Attentava cheio de esperança no futuro, mas esforçava-se primeiro por assegurar no presente as conquistas que haviam feito as espadas ainda gotejantes do imperador e de seus heroicos irmãos de armas.

Rodrigo era um d'estes homens predestinados para a soberania da palavra nas assembléas deliberantes. Tudo era n'elle de molde para a tribuna. O vulto bem assombrado, o gesto composto e nobre, a fronte larga, a boca ligeiramente contrahida n'um sorriso entre malicioso e benevolente, a voz cheia e harmoniosa, a declamação grave e accentuada, a palavra sempre fluente e numerosa, que ainda no ardor da improvisação parecia estar lendo apenas por algum livro de boa e portugueza linguagem; o estilo sentencioso ás vezes, ás vezes cortado de agudezas, polvilhado de saes comicos, passando rapidamente, sem tornar-se escurril, da elevação heroica ao chiste familiar, correndo sem veneno desde a ingenuidade lata á ironia, desde a vindicação dos principios mais veneraveis até á invectiva pessoal contra os seus adversarios.

Desde os primeiros assomos na tribuna admiraram todos realisado o que d'elle haviam já anticipadamente como certo. Foi Rodrigo d'estes felicissimos oradores para quem é logo a estreia um triumpho memoravel. E não era facil então ceifar as primeiras palmas oratorias. Estavam na camara dos deputados os mais mimosos engenhos d'aquelle tempo, davam alli sua tenção as vozes de maior auctoridade: Manuel da Silva Passos, o futuro dictador da revolução, Garrett, o Eschines que só havia de ter depois para o exceder no vôo o fogoso Demosthenes de Aveiro, sem fallar dos que ainda hoje sobrevivem d'aquella galharda phalange parlamentar.

Estavam já accesas as paixões que depois haviam de repartir em dois campos intrataveis, os que até alli trouxera unidos e concordes na apparencia o receio do perigo e o empenho da causa commum. Era desabrida a intolerancia com que muitos deshonravam a victoria liberal, com o furor das represalias contra os vencidos de Almoster e da Asseiceira. Discutia-se na camara o projecto de lei das indemnisações, segundo o qual se deveriam exercer na fazenda dos realistas a violencia que ia afrouxando nas pessoas. Defendiam esta impolitica iniquidade, como justiça, alguns espiritos inebriados pela victoria ou escurecidos pelo odio contra seus agora imbelles inimigos. Pedia a tolerancia apostolos, a justiça defensores, a generosidade paladinos. Dois se ergueram a arengar em favor dos que ia ferir aquella nova e crua proscripção politica. Eram uma alma grande, Rodrigo, um bello coração, Passos Manuel. Pleiteava este com toda a facundia do sentimento, aquelle com toda a eloquencia da razão. Passos Manuel era, por assim dizer, o cavalleiro andante da magnanimidade, Rodrigo o prégador da indulgencia e do perdão. Em Rodrigo a austera gravidade do discurso era o escudo da justiça, protegendo os opprimidos; em Passos Manuel o enthusiasmo lyrico das orações era o flagello da indignação retalhando a face dos oppressores. Em Passos Manuel a tolerancia vestia quasi as roupas candidas e virginaes da evangelica mansidão; em Rodrigo, trajava a toga severa dos causidicos illustres, patronisando a causa do infortunio: odiavam ambos a violencia, repugnava a ambos tingir de sangue o governo da nação.

Ambos aquelles estadistas eminentes e benemeritos republicos estavam prestes a tomar nas mãos o difficil cargo de governar. Rodrigo antecedeu a Passos Manuel. Em 1835, organisando o duque de Palmella

um novo gabinete, entrou a servir com elle na repartição dos negocios do reino Rodrigo da Fonseca Magalhães. Eram n'aquelle tempo instaveis os gabinetes. Andavam já mui revoltas as coisas publicas. Foi de pouca duração o ministerio. Deveu-lhe o paiz um singular serviço, em que Rodrigo foi parte principal. A revolução que pelas armas se fizera durante cinco annos de guerra desegual, a revolução, dizemos, tendo reconstruido em novos alicerces a sociedade portugueza, só deixára intacto o edificio da instrucção publica, tal como lh'o havia legado a antiga monarchia.

Pouco fizera n'este ponto a dictadura do imperador, aliás fecunda e gloriosa em tantas outras emprezas de civilisação. Quiz Rodrigo fundar solidos e largos estudos em Lisboa. Cooperaram com elle as mais illuminadas intelligencias d'aquelle tempo. Decretou-se o *Instituto*, vasto estabelecimento consagrado ao estudo das sciencias mathematicas, physicas, naturaes e economicas, e das suas applicações aos serviços publicos. Proveram-se as cadeiras. Principiou-se a entender na execução. Estavam, porém, vivazes e robustos n'esta parte os preconceitos nacionaes. Moveu-se guerra cruel á nova instituição. Tomou a universidade o governo da cruzada. Foi tal a bateria com que o ministerio foi rijamente expugnado, que a final veiu a terra, sepultando comsigo a nobilissima idéa de fazer da capital da administração a corte da sciencia e do ensino official. Foi o primeiro acto do ministerio que succedeu suspender a execução do decreto malfadado.

N'este primeiro periodo da sua vida publica não esteve o jornalista ocioso em quanto se afadigava o ministro e o orador. Escreveu Rodrigo no diario que fundára com o nome de *Revista*, tendo por cooperador a Antonio Pereira dos Reis. Algum outro eminente escriptor, ainda hoje vivo, collaborou n'aquella publicação, destinada a advogar os principios da primitiva eschola cartista, em cujas fileiras militavam os primeiros engenhos de Portugal.

(Continua) J. M. Latino Coelho.

CIDADE DO FUNCHAL

(Conclusão. Vid. pag. 217)

A ilha da Madeira está situada no Oceano Atlantico a 690 kilometros de distancia da costa occidental da Africa, 12° 37' 0 de long., e 32° 45' de lat.

Esta ilha, com mais tres que lhe ficam visinhas para o lado de éste, fórma um grupo que tira o seu nome da Madeira, que é a principal.

Chamam-se aquellas ilhas *Grande Deserta*, ou *do Norte; Bugio*, ou *do Sul;* e *Ilheo Chão*, que está ao norte. A primeira d'estas eleva-se 660 metros acima da superficie do Oceano. É a maior das tres, e conta quasi 6 kilometros de comprimento, e pouco menos de 1 de largura. A segunda tem 1 kilometro de comprimento, e uns 400 metros de largura. A terceira é apenas uma restinga de terra e rochas pouco elevadas. Pertence ao sr. conde da Taipa o senhorio da *Grande Deserta* e do *Ilheo Chão;* e ao sr. marquez de Castello Melhor o do *Bugio*. Descendem estes dois fidalgos e o sr. marquez da Ribeira Grande do descobridor João Gonçalves Zarco, ou Zargo.

Tem de comprimento a ilha da Madeira pouco mais de 45 kilometros, e uns 23 de largura, com 130 de circunferencia. Encerra cento e tantas mil almas.

É toda eriçada de montanhas, e cavada em valles fertilissimos. A serra mais alta é o *Pico Ruivo*, que se levanta a uns 2:500 metros acima do mar.

Segundo alguns geologos, esta ilha é de origem volcanica; outros, porém, negam similhante procedencia, convindo, todavia, na existencia de extinctos volcões, de que restam muitos vestigios. As rochas são pela maior parte basalticas; e os terrenos de uma feracidade pasmosa, tanto pela sua propria formação, como pela abundancia de fontes e ribeiras que os regam por toda a parte, e pela doçura do clima, que entretem a ilha em constante primavera, permittindo-lhe que se desenvolvam e cresçam, com pomposa vegetação, as arvores e fructos dos tropicos a par dos da Europa.

O dr. Macaulay, na *Madeira Illustrada*, extasiando-se diante das maravilhas d'este clima tão singular, diz a este respeito o seguinte: «Meramente com a ascensão ás serras se póde experimentar mui grande variedade de temperatura, e em poucas horas passar do verão, pelo meio da primavera e do outono, para o inverno rigido nas summidades das montanhas toucadas de neve...

«Os que não quizerem alongar-se das abrigadas praias da bahia do Funchal, podem d'ahi, onde altura immarcessivel a vegetação dos tropicos, contemplar sobre as alturas, a cavalleiro da cidade, a reapparição das folhas novas e todos os phenomenos da primavera; assim, no declinar do anno, quando junto á costa se vê inalteravel a verdura, e a influencia do sol do verão pouco tem diminuido, as eminencias do paiz apresentam a variegada tintura e a folhagem murcha do outono... O ar da ilha é tão refrigerante e balsamico, que o simples acto de respirar é um gozo desconhecido em climas menos favorecidos.»

D'este verdadeiro éden é capital a cidade do Funchal. Está situada na costa meridional da ilha, em uma bahia formada por dois cabos, chamados *Ponta da Cruz* e *Cabo Garajão*. Em parte recosta-se em não muito elevadas collinas; outra parte senta-se em um valle por onde se estende até vir mirar-se nas limpidas aguas do seu porto.

Dominam a cidade, pelo lado do norte, alterosas montanhas; pelo de éste, os altos do *Palheiro do Terreiro;* e pelo de oéste, o *monte do Pico*, coroado pelo castello de S. João, e os terrenos das *Angustias*. Pelo sul banha-a o Oceano.

Do seu porto e das suas fortificações fallámos a pag. 132 e 299 do vol. VII, por occasião de publicarmos a vista do *Castello Ilheo*, fundado sobre um grande rochedo no meio do mar, e que serve de registo do porto.

Divide-se a cidade em quatro parochias, que são: a *sé*, *S. Pedro*, *Santa Luzia* e *Santa Maria Maior*.

A sé é um grande templo, de tres naves, de architectura gothica, da epocha da transição d'esta para a do renascimento. Está situada na praça da Constituição. Tem dez capellas, nas quaes se vê excellente obra de talha doirada. As paredes são vestidas de marmore e de pinturas, algumas das quaes ostentam merecimento artistico. O tecto, construido de cedro da ilha, é uma obra de bastante riqueza em talha relevada, principalmente o da capella-mór.

Foi fundada esta egreja por el-rei D. Manuel pelos annos de 1508. Tem tido algumas reparações, sendo a ultima, e mui importante, a que lhe mandou fazer o sr. José Silvestre Ribeiro, durante o seu illustrado governo.

Ha na cidade tres conventos de freiras: o *das Mercês*, de religiosas capuchas; o da *Encarnação* e o de *Santa Clara*, de franciscanas. Este ultimo é o mais rico. Teve por fundador João Gonçalves Zargo, que, segundo dizem, o escolheu para seu jazigo.

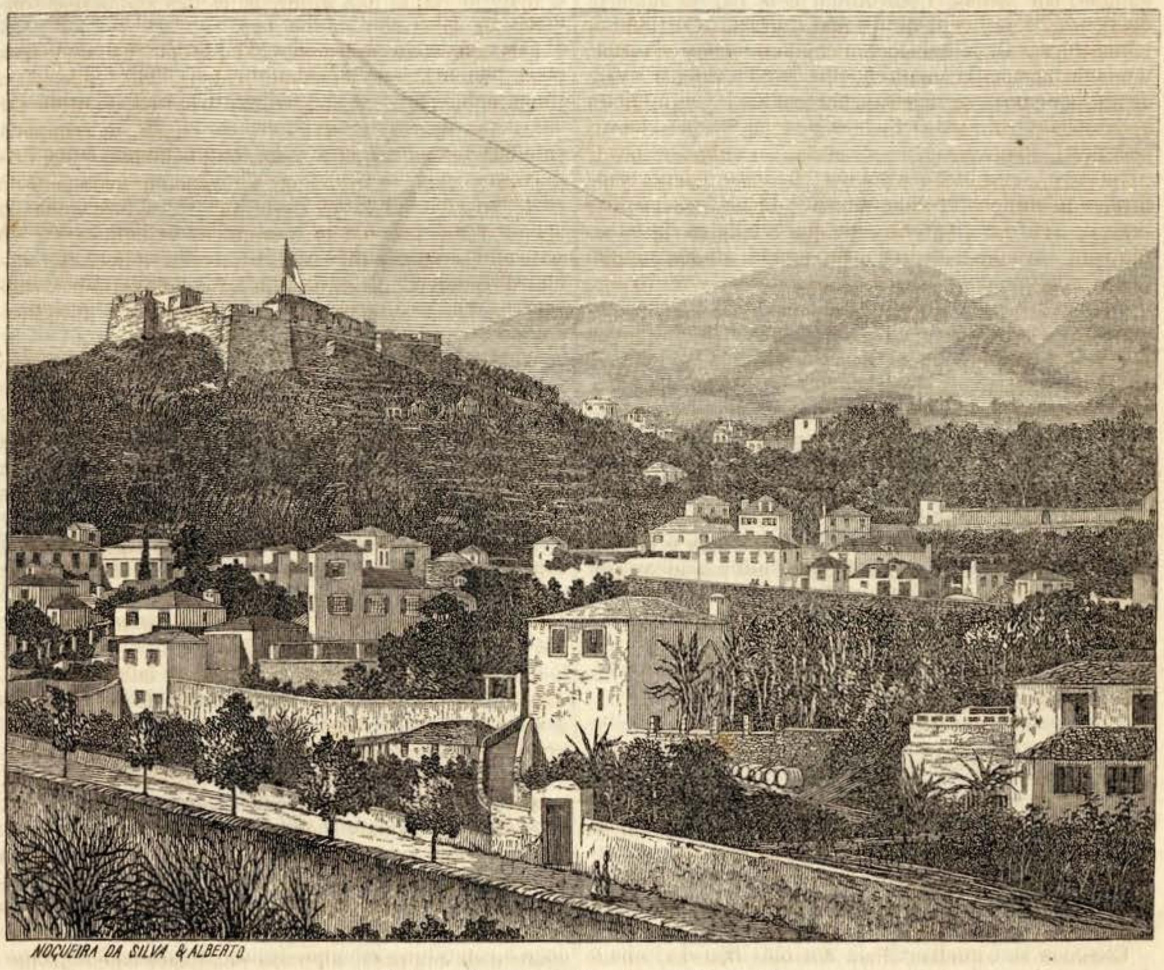
Havia cinco conventos de frades quando foi decretada a sua extincção em 1834. O mais notavel d'estes pela sua fabrica e por conter a celebrada capella dos *Ossos*, toda construida de caveiras e ossos, era o de *S. Francisco*, que veiu a cair em ruinas, e occupa um angulo da praça da Constituição. Tendo sido concedido pelo estado á camara municipal para edificar os novos paços do concelho, procede-se presentemente a essa construcção.

Os jesuitas tiveram n'esta cidade um collegio, da invocação de *S. João Evangelista*, fundado em 1566. Conservam-se em bom estado tanto o edificio do collegio como a egreja, cuja fachada é ornada com as estatuas de Santo Ignacio de Loyola, de S. Francisco Xavier, e de outros santos da ordem dos jesuitas.

As egrejas do *Carmo*, de *Santa Cruz* e de *Nossa Senhora do Soccorro*, são administradas e servidas por irmandades. Na ultima das tres está a imagem do padroeiro do Funchal, que é S. Thiago Menor, ao qual vae a camara municipal festejar todos os annos, assistindo a um *Te Deum* em acção de graças por ter livrado a cidade de uma horrivel epidemia que a assolou no seculo XVI.

Além d'estes edificios religiosos ha muitas capellas e ermidas publicas e particulares. Mencionaremos d'entre as primeiras a *capella das Almas*, que fica proxima da egreja de Santa Clara, pela singularidade de se achar aberta em uma rocha, no fundo de uma rua.

Conta o Funchal bastantes estabelecimentos pios, e alguns d'elles bem dotados e perfeitamente organisados. São os seguintes: *hospital e casa da misericordia; hospital de S. Lazaro*, para molestias cutaneas contagiosas; *hospital militar; asylo da mendicidade;*



Cidade do Funchal — collina do castello do Pico

recolhimento de orphãs, intitulado *convento de Santa Isabel*, annexo á santa casa da misericordia; *recolhimento do Bom Jesus*, de viuvas e casadas separadas dos maridos; *asylo da infancia desvalida;* e a *eschola lencastriana*. Teve o *hospicio da Princeza Amelia*, fundado por sua magestade a imperatriz, duqueza de Bragança, em memoria da sua desditosa filha a princeza D. Amelia, para n'elle se recolherem e tratarem as pessoas pobres de Portugal e Brasil atacadas de ptysica pulmonar, que desejassem ir procurar allivios ao seu mal sob o benefico influxo d'aquelle doce clima. Este hospicio, para o qual se construiu um edificio proprio, com bom prospecto, está actualmente fechado.

Os outros edificios publicos são: o *palacio do governo*, o *paço episcopal*, o *seminario*, o *quartel militar de S. João*, a *alfandega*, o *correio*, a *cadeia*, a *bolsa*, ou casa da associação commercial.

D'entre as casas particulares sobresaem as dos *srs. condes de Carvalhal*, em S. Pedro; a da familia *Vasconcellos* na rua do Pinheiro; a do *sr. visconde de Torre Bella;* a da familia *Rego;* a denominada *Blackburns*, e a da antiga companhia das Indias inglezas. Em geral as casas são aceiadas, tanto exterior como interiormente, e muitas de construcção elegante.

O Funchal não possue monumentos artisticos, se exceptuarmos a sé, que mereçam attenção; entretanto contém algumas antigualhas mais ou menos curiosas, taes como o *Granel do Poço*, grande edificio na rua do Esmeraldo, onde dizem que habitára o celebre Christovão Colombo, durante a sua curta estada na Madeira; umas janellas de architectura gothica, que se vêem em uma casa na rua da Boa Viagem, e que, na opinião de algumas pessoas, pertenciam aos antigos açougues da cidade. Podem-se tambem citar como logares memoraveis os palacios em que residiram a rainha Adelaide de Inglaterra, a actual imperatriz de Austria, sua magestade a imperatriz, duqueza de Bragança, e sua filha a princeza D. Amelia.

Uma estatistica moderna dá á cidade do Funchal

38 ruas, 17 travéssas e becos, 6 calçadas, 3 mercados, 6 passeios arborisados, 8 pontes e 19 egrejas.

As praças são quasi todas guarnecidas de arvoredo, e bonitas, posto que pequenas. As principaes chamam-se: *praça da Constituição, largo do Pelourinho, praça da Imperatriz*, e *praça da Rainha*, ambas proximas do mar, e junto do palacio do governo; o *passeio do Til*, a *praça Academica*, de construcção moderna, e tambem visinha do Porto. O *passeio publico* está plantado de arvores indigenas e exoticas. Os mercados são tres; o de frutas, na praça de S. João; o de hortaliças, aves, etc., junto do convento de S. Francisco; e o de peixe. Os dois ultimos foram edificados com grandeza.

Teve esta cidade um theatro magnifico, que foi mandado arrazar em 1831 por ordem de D. Alvaro da Costa de Sousa de Macedo, que então governava a ilha em nome do sr. D. Miguel como capitão general. Presentemente ha um theatro pequeno, pertencente á *sociedade Esperança*, e não sabemos se se levou a effeito a construcção de outro theatro que ha tempos se projectou.

Ha tres casas de assembléa: o *circulo philarmonico*, em que se dão concertos de musica; o *club portuguez*, e o *club inglez*, onde ha gabinetes de leitura, com variedade de jornaes, dando ambos alguns bailes annualmente.

Possue o Funchal uma eschola medico-cirurgica, um lyceu, escholas de instrucção primaria e algumas livrarias, avultando a bibliotheca publica municipal, que se acha provida de bastantes obras modernas; e tres livrarias inglezas que alugam livros para fóra.

Quanto a hospedarias e botequins, alguns ha aceiados e bem servidos. Entre aquellas, que não são menos de dezesete, tem o primeiro logar o *hotel Europeu*, e o *hotel das Familias.*

Além de outras casas de banhos, conta a cidade um excellente estabelecimento de banhos publicos, de agua doce, do mar, de vapor, e de outras diversidades, situado na rua da Amoreira, e de que é proprietaria a sra. Wilkinson.

Ácerca dos cemiterios veja-se o que dissemos a pag. 240 do vol. VII.

Abastecem a povoação muitas fontes de excellente agua, e cortam-n'a tres ribeiras.

Compondo a ilha da Madeira e Porto Santo um districto, a cidade do Funchal é residencia de um governador civil, de um governador militar, de um bispo, de um juiz de direito, das outras diversas auctoridades administrativas e fiscaes, e de dez consules e treze vice-consules das principaes nações da Europa e da America.

Consta a sua guarnição de um batalhão de linha e de uma bateria, que lhe são enviados de Lisboa, por sorteio, d'entre os corpos da capital, rendendo-se annualmente; e além d'essa força, de um corpo de *artilheiros auxiliares* de segunda linha, com uns 1:200 homens, e dividido em 15 companhias, uma das quaes está guarnecendo a ilha de Porto Santo. A população da cidade anda por perto de 30:000 almas.

É o Funchal uma cidade de bastante trato commercial, sobre tudo por causa dos preciosos vinhos da Madeira, que constituiam, antes do apparecimento do *oidium*, em 1852, um ramo valiosissimo do seu commercio de exportação para differentes paizes da Europa, da Africa, da Asia e da America. Antes da dita molestia regulava a producção do vinho em toda a ilha por quinze a vinte mil pipas.

A industria manufactora faz honra á cidade. São muito notaveis pela sua belleza e perfeição artistica as obras de mosaico em madeira; as de verga e as de palhinha; as rendas, bordados e crochet; as flores feitas de pennas de aves e de cera nos conventos das freiras; e muitos outros artefactos engenhosos que exporta para o reino e para Inglaterra.

É commoda e agradavel a vivenda da cidade, tanto por ser abastecida de todos os generos necessarios á vida, e de quantos se possam appetecer para regalo, como tambem pelo bom trato sociavel que alli ha, em consequencia das muitas familias ricas, nacionaes e estrangeiras, que vivem na cidade com ostentação, e do grande numero de viajantes que alli concorrem do reino e de outros paizes, principalmente de Inglaterra, levados pela maior parte da necessidade de procurarem um clima benigno para os seus padecimentos pulmonares.

Os arrabaldes do Funchal são afamados pela sua formosura e amenidade. Os pomares, hortas e vinhas, que cobrem os campos e as collinas; os bosques que assombram os valles, e sobem pelo dorso das montanhas; as arvores e plantas dos tropicos, que por toda a parte crescem a par das da Europa, ostentando a mais pomposa vegetação; aqui, os ribeiros de purissimas aguas, que se despenham das rochas alcantiladas com medonho fragor, erguendo aos ares nuvens de densos vapores, que logo se precipitam em orvalhos, com que as plantas resplandecem como prateadas; alli, as fontes rebentando das fragas, e derramando perolas sobre os fetos e musgos, ou os arroios serpeando docemente por entre as flores dos prados; lindas casas de campo, umas alvejando através de tantos verdores, outras como penduradas das arvores; e finalmente, altissimas serras, toucadas de penhas, fazendo moldura a tão bellos paineis; tal é, em resumido esboço, o aspecto encantador dos suburbios do Funchal.

São muitas as quintas aprazíveis que os adornam. Estremam-se, por mais bellas e grandiosas, a do *Palheiro do Ferreiro*, situada em uma eminencia a 5 kilometros da cidade, e pertencente ao sr. conde de Carvalhal; e a do *Jardim da Serra*, fundada em um delicioso valle assim chamado, distante do Funchal uns 12 kilometros para o lado de noroeste, e propriedade do sr. Veitch, subdito britannico. São notaveis ambas pela magnifica e mui copiosa collecção de plantas exoticas que encerram.

A 12 kilometros da cidade admira-se uma soberba cascata, formada pela levada do Rabaçal, que se despenha de uma altura de 133 metros, caindo sobre a ribeira da Janella.

As producções do paiz são variadissimas pela diversidade de zonas que alli ha, segundo a exposição e elevação das terras. Além do vinho, e do assucar, que se introduziu de novo, e se tem generalisado depois da invasão do *oidium*, produz a Madeira alguns cereaes, que não bastam para o seu consumo; batata doce e commum; inhame; frutas da Europa e da America, avultando bastante a castanha; muita diversidade de hortaliças; e urzela.

Cria-se n'ella muito gado de differentes especies, e é mimosa de caça nas serras, e de variedade de peixes na costa [1].

O Funchal serviu de berço a muitos homens illustres nas armas e nas letras, ou notaveis na historia politica de Portugal. Nomearemos d'entre os primeiros João Fernandes Vieira, que expulsou os hollandezes de Pernambuco, sendo appellidado por suas proezas Castrioto Lusitano; Antonio Velloso da Lyra, escriptor distincto; Balthasar Dias, poeta comico; Francisco de Paula Medina e Vasconcellos, auctor dos poemas *Georgeida*, e *Zargueida, ou o Descobrimento da Ilha da Madeira;* João Antonio Monteiro Teixeira, poeta satyrico; Manuel Caetano Pimenta de Aguiar, poeta tragico; e Paulo Perestrello da Camara, auctor de várias obras. Nasceu na mesma cidade aquelle celebre jesuita, chamado Luiz Gonçalves da Camara, mestre e

1 Sobre os costumes e trajos populares, e ácerca dos meios de transporte, vid. pag. 300 do vol. v. Vid. tambem, ácerca da ilha da Madeira, os artigos e gravuras a pag. 141 do vol. IV; 272 e 312 do V; e 77, 85 e 261 do VII.

privado del-rei D. Sebastião, ao qual e ao reino ajudou a perder com os seus conselhos.

As duas gravuras, a pag. 217 e 229, são copiadas de duas excellentes photographias; ignorâmos, porém, o nome do artista. I. DE VILHENA BARBOSA.

TEMPESTADES DE ALDEIA

(Vid. pag. 220)

VII

Antonio Domingues parou um instante para descançar. O peito arquejante revelava que as forças lhe iam faltando, e a voz era já tão frouxa que mal se ouvia.

O sacerdote ouvia-o attento e fremente.

Antonio continuou:

«Nem eu sabía para onde caminhava. Ia ao acaso, ao Deus dará, como nós dizemos. Fiava-me na fortuna, que não abandona os moços, segundo ouvi dizer. Demais, não é mulher a fortuna, e tinha eu visto alguma pessoa do seu sexo voltar-me as costas quando eu a requestava?

«Assim vim parar ao Ribatejo, sem me demorar em Lisboa, porque eu tinha aos campos um amor de poeta, e a minha selvatica independencia só se comprazia ao ar livre e balsamico dos valles. O que faria eu em Lisboa? Que recursos se me proporcionariam que não fossem grangeados pela domesticidade, que tanta repugnancia me inspirava? Demais, como lhe disse, eu folgava de ver o luar espelhar-se nas aguas prateadas do rio, de ver romper a manhã, avermelhando o ceo e cingindo de um leve côr de rosa o alto dos serros, e talvez fosse por esse enlevo em que me lançavam as maravilhas campestres que eu phantasiava trovas, como os outros não eram capazes de engenhar, e que nunca até ahi houvera rapariga que as escutasse sem se mostrar rendida.

«Procurei trabalho e facilmente o encontrei; era no tempo das descamisadas, e esse trabalho, novo para mim, agradava-me bastante, porque conciliava a necessidade que eu tinha de ganhar a vida com o meu gôsto pela guitarra, pelo canto e pelo amor.

«Os ribatejanos em geral não acolhem bem os estranhos, e principalmente os estranhos guapos que lhe podem roubar o coração das suas raparigas. Fizeram, porém, uma excepção em meu favor, e isso por duas razões. Em primeiro logar porque não havia moço mais divertido do que eu. Onde eu estivesse não havia tristezas. Tinha sempre historias joviaes para contar, sempre cantigas alegres, sempre boas chalaças. Em segundo logar, porque uma circunstancia inesperada veiu impedir que, segundo o meu costume, fizesse a corte ás raparigas do sitio.

«Estava namorado.

«Estava namorado, não. Esta palavra que eu profanára não se deve applicar ao sentimento impetuoso e santo que me brotou no peito. Amava! E n'este coração, onde só tinham viçado até ahi flores de pouca dura, encontrava thesoiros inesperados. Amava! E não ousaria beijar a fronte d'aquella que me inspirára esse affecto. Amava! e só o roçar das suas roupinhas fazia-me estremecer de jubilo e de terror. Então é que eu percebi melhor as maravilhas da creação. Esse amor deu-me a chave de todos os segredos da natureza. Entendi a linguagem das flores; entendi as vozes mysteriosas das estrellas; escutei e ouvi cantos ineffaveis; olhei e vi esplendores desconhecidos. Amava, em fim!, e n'esta palavra só, resumo os extases, os jubílos, os enlevos que acompanham o despontar d'esse astro radiante que a vida inteira nos illumina.»

O confessor levantára-se palpitante, com os olhos incendidos e as faces pallidas e levemente ruborisadas.

— É pois isso o que se sente? — perguntou elle com voz trémula.

«É, meu padre, e muito mais ainda, que eu, pobre ignorante, não sei exprimir. É um soffrimento em que ha delicias, um prazer que tem dores, fel que tem doçuras inebriantes, mel que na boca nos deixa travo... mas não sei se devo dizer este apparente desacerto. Parece que ainda mais queremos a esses espinhos, que ainda mais estremecemos essas agonias, do que folgâmos com os prazeres, do que nos deliciamos com as doçuras. Inexplicavel sentimento que se nos apossa do espirito, e que não o larga depois que d'elle se assenhoreia. E debalde tentâmos rebellar-nos contra esse jugo despotico e querido; estamos para sempre escravisados.»

— Mundo mysterioso, murmurou o sacerdote, cerrae para mim as vossas portas doiradas. Cortinas do tabernaculo divino, deixae abrigar na vossa mystica sombra a minha alma, que anceia por se engolphar n'esse abysmo de esplendores.

Antonio Domingos esteve ainda por um instante silencioso, depois continuou.

«Chamava-se Rosalina a rapariga que me fascinára. Tanto eu estava acima dos meus companheiros pela educação que recebêra, tanto ella estava acima das suas companheiras pelos dotes naturaes que a Providencia lhe déra com mão pródiga. Pois por isso não deixava de moirejar como as outras, mas fazia tudo com um ar tão serio e tão composto, sem ser carrancudo, que as outras mostravam-lhe um respeito involuntario. Além d'isso tinha os olhos mais pretos e mais expressivos que eu vi na minha vida, um rosto mimoso e moreno, uma boca pequena que exhalava a um tempo musicas e perfumes, a musica da voz, o perfume do halito, que era suave e fragrante.

«O seu pizar tinha um não sei quê de magestoso, que muitas damas lhe invejariam; o seu fallar não era nem mais elevado nem mais correcto que o das suas companheiras, mas tinha um modo de dizer as coisas que lhe dava uma graça indizivel, um encanto que mal sei exprimir.

«Tudo isto me captivou de fórma que me fez perder os meus habitos de borboleta namorada. Parecia-me uma profanação relancear os olhos, que só deviam contemplar aquella imagem divina, para as outras creaturas grosseiras que eu via ao seu lado. Envergonhava-me das minhas passadas loucuras, e parecia-me impossivel que eu não tivesse tido o presentimento, de que existia no mundo uma só mulher a quem deviam ser prestados esses rendimentos que eu estouvadamente prodigalisava!

VIII

«Pois, apesar d'esse amor que eu tinha a Rosalina, sentia uma difficuldade incrivel em lh'o confessar. Tão audaz fôra até então nas minhas declarações, quanto agora me mostrava timido e acanhado.

«É verdade que ella não me animava muito. Por mais que eu improvisasse trovas, que lhe eram visivelmente dirigidas, por maiores que fossem os requebros com que procurava enfeitiçal-a, nunca ella correspondêra aos meus olhares expressivos, aos meus olhares ardentes. Nas descamisadas, quando eu tentava revelar-me debaixo do meu aspecto mais seductor, quando eu fazia todos os esforços para me mostrar amavel e entretido, ella ria-se como as outras; mas, se os meus olhares lhe diziam que tudo aquillo era só para lhe agradar, Rosalina desviava os olhos naturalmente, e quando o encontro da maçaroca vermelha a obrigava a vir-me dar um beijo, não era nem mais timido nem mais fervente que o que todos os outros colhiam dos seus labios.

«Esta indifferença inesperada, esta resistencia a que eu não estava costumado, irritaram-me. Entendi que

era necessario acabar com aquellas incertezas. Uma noite fui-me sentar diante da sua porta com a minha guitarra, decidido a declarar-me.

«A mãe de Rosalina era uma boa velha, que gostava muito de mim; por isso eu tinha um pretexto para a visitar a miudo.

«N'essa noite, por felicidade, a velhinha, que estava sentada na sua cadeira de braços, luxo unico da sua casa, aceiada mas pobre, adormeceu. Ficámos sós, eu e Rosalina, ella sentada no degrau da porta, eu defronte.

«O luar batia-lhe em cheio no rosto moreno, e cercava-lh'o de uma aureola de belleza ideal. Já não parecia mulher, parecia um d'esses retratos da Virgem que se vêem nas egrejas.

«Eu olhava para ella com adoração. Tirei o chapeo desabado, não só porque me affrontava o calor, mas tambem porque tinha uns bonitos cabellos, e n'essa occasião, em que ia dar um combate decisivo, precisava reunir todos os meus recursos.

«Acabava de cantar alguns modilhos melancolicos, e continuára na guitarra o acompanhamento, que fôra afrouxando pouco a pouco, até que a final não era mais do que um vago murmurio, um sopro melodioso, que parecia exhalar-se espontaneamente da guitarra como o perfume da flor.

«Julguei a principio que este ambiente poetico, de que tentára rodeal-a, produzíra o seu effeito. Rosalina estava melancolica, e fitava na lua os seus lindos olhos, em que transluzia uma doce expressão.

—«Em que pensa, sra. Rosalina? — disse eu. Por ahi andam amores?

—«Andam, respondeu ella singelamente.

—«Quem será o feliz que os inspira?

—«Feliz por quê? — redarguiu ella. Cada rapaz tem a sua rapariga, e isso não é coisa de admirar. O sr. Antonio tambem ha de ter a sua, que a estas horas estará tambem pensando em vossemecê.

—«Ora veja como se engana. Tenho uma rapariga a quem amo loucamente, e que não pensa em mim.

—«Isso diz vossemecê.

—«Não acredita?

—«Não; vossemecê é um perfeito rapaz, prendado, bem procedido. Por que é que a sua rapariga o não ha de amar?

—«Pensa isso que diz, sra. Rosalina? — tornei eu aproximando-me d'ella vivamente.

—«Penso, sim, respondeu ella fitando em mim os seus olhos limpidos e serenos.

—«E se essa mulher, a quem eu amo e que me não ama, fosse a que está agora ao meu lado?

—«Onde?—redarguiu Rosalina ingenuamente olhando em torno.

—«Oh! não me quer adivinhar? — tornei eu com um gesto impetuoso e segurando-lhe em uma das mãos.

—«Adivinhar o quê?

—«Que a amo, que a adoro, que, desde que a vi, não pensei senão em merecer o seu amor, que é esse o meu sonho constante, essa a visão das minhas noites, em que o dormir me foge e em que só a tua imagem me sorri. Pois não adivinhaste já isto, Rosalina?

—«Mas, sr. Antonio, redarguiu a gentil camponeza tirando brandamente as suas mãos d'entre as minhas, acabei de lhe dizer que amava outro homem, e agora digo-lhe mais, é que estou para casar com elle.

—«Oh! — continuei eu com vehemencia. Quem a amará como eu a amo? Quem a poderá respeitar, adorar com tanto fervor? O menor de seus caprichos será para mim uma ordem. A sua imagem viverá no meu coração como santa no altar, perfumal-a-hei com todas as flores dos affectos mais puros, illuminal-a-hei com a luz de uma dedicação absoluta. Esse outro com quem vae casar traz-lhe a riqueza? Obtel-a-hei com estes dois braços juvenis e robustos. Sinto-me capaz de tudo para conquistar o seu amor. Verá, sra. Rosalina, se são mentidos os meus extremos, falsos os meus protestos.

—«Mas, sr. Antonio, tornou ella placidamente, que idéa fórma então de mim? Depois de eu ter dito a um homem que o amava, depois de o ter acceitado por noivo, julga-me capaz de o enganar, de o trahir, indo a outro homem repetir as mesmas palavras? Então a qual dos dois mentia? O meu coração não se reparte. Dei-o ao meu noivo, a elle pertencerá até eu morrer. Até vossemecê me devia desprezar se eu fizesse o que me pede.

«Baixei os olhos com embaraço. Eu, que viera decidido a realisar a todo o custo a doce esperança sem a qual me parecia que não podia viver, vi-me obrigado a murmurar timidamente:

—«Offendi-a?

—«Ora essa, tornou ella sorrindo-se, cuida que eu me estou a fazer tola? Uma rapariga não se offende nunca por saber que um rapaz gosta d'ella. Vossemecê é namorador, gosta de dizer palavras bonitas a quem não lhe desagrada. Não sabía que eu já era noiva, quiz-me requestar. Isso não é mal algum.

«Reanimado por esta fugitiva esperança, quiz-lhe de novo travar da mão, murmurando:

—«Oh! não creia que a escolhi para objecto de uma distracção. Creia mais na sua irresistivel belleza.

—«Está bom, disse-me ella tirando-me a mão, mas sem viveza e com essa graciosa sisudez que tão bem lhe ficava; perdoar-lhe não é dizer-lhe que continue. Com licença, sr. Antonio, isto já são horas de nos deitarmos, e minha mãe não ha de estar aqui a dormir ao relento.

«Eu afastei-me sem lhe dizer palavra; o vivo desgosto que eu sentia combinava-se com uma irritação surda, em que ferviam a um tempo o amor offendido e a vaidade ferida.

(Continua) M. PINHEIRO CHAGAS.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

74.°

CARTA

Todos concordam em que é difficil a boa regencia das preposições, principalmente na lingua portugueza, porque os classicos, e não menos os nossos escriptores contemporaneos, são n'este ponto mui variaveis. E todavia, as grammaticas, e ainda mais os diccionarios, não nos ministram exemplos sufficientes sobre esta parte da syntaxe da lingua materna.

Vou propor algumas dúvidas que tenho quanto ao emprego da preposição *de*, começando hoje por esta:

«Digne-se V. Mag. *de* mandar o que for de justiça.»

Assim leio em documentos officiaes, umas vezes como vae transcripto, outras sem a preposição *de*, pelo que não sei quando é de mais ou de menos.

Se v. me quizesse elucidar, muito obrigaria a quem é, etc.—*J. A.*

RESPOSTA

Quasi todos os nossos classicos põem depois de *dignar-se*, *dignando-se*, etc., a preposição *de*.

Entretanto, póde-se ommittir; e assim o fazem já os melhores escriptores, porque as ellipses dão rapidez e vigor á phrase, quando não produzem equivoco ou obscuridade.

Se dissermos: «Dignou-se *de dedicar-me*, ou *de dar-me* o seu livro», fica a primeira phrase dissonante, e a segunda cacofonica; o que se evita supprimindo a preposição.

O P. Bernardes diz: «Pediu Moysés a Deus... que se *dignasse mostrar-lhe* sua gloria.» (*Luz e Calor*, 338).

SILVA TULLIO.